

DOCUMENTAÇÃO

O sonho do regime chinês: riqueza sem democracia

Fazer prognósticos sobre o futuro da China é tarefa árdua. Os analistas ocidentais viveram durante muito tempo das ilusões de Tiananmen, de uma época em que se pensava que a China podia ser mais uma pedra do dominó que arrastou na sua queda a maioria dos regimes comunistas. Mas a China era e continua a ser diferente. As teses sobre o desenvolvimento económico e a ascensão paralela das classes médias não se mostraram consistentes. Pelo contrário, os comunistas chineses aferram-se ao poder e exercem um hábil e rigoroso controlo político e económico.

Neste momento, o Partido Comunista Chinês (PCC) está a vender ao povo um dos bens mais apreciados num mundo de mudanças vertiginosas: estabilidade. Administra-a com certa dose de autoritarismo, nacionalismo e incrementando a prosperidade económica de grande número de pessoas. Não é um partido revolucionário mas um partido no poder. O PCC abandonou na prática as teorias de Marx, embora muitos turistas chineses continuem a fazer paragem obrigatória na casa-museu do filósofo alemão em Trier e o regime tenha conservado a iconografia de Mao, venerado não tanto como continuador do marxismo, mas como patriota e libertador de uma China humilhada por estrangeiros durante todo um século.

Sobre a China atual, recomenda-se o excelente livro do jornalista norte-americano Evan Osnos: "Age of Ambition: Chasing Fortune, Truth and Faith in the New China" (Farrar, Straus & Giroux, Nova Iorque, 2014, 416 págs.), que ganhou nos Estados Unidos o National Book Award. Osnos passou cinco anos em Pequim como correspondente da revista "The New Yorker", e conhece as falhas e os paradoxos do regime chinês. No seu livro, esquadrinha a vida pública e privada de alguns cidadãos chineses. Conversou com eles e sondou-lhes as aspirações e os projetos, concluindo que a China vive uma era ambiciosa e estabelecendo um paralelo histórico com os Estados Unidos, que entre 1865 e 1900 conheceram uma era semelhante, marcada por um espetacular crescimento económico e crescente protagonismo mundial.

Uma revolução com mais força do que a de Mao

O livro gira em torno de três elementos: a fortuna, a verdade e a fé. Que tais elementos tenham emergido na China de hoje apenas se pode explicar por uma "revolução" mais influente e duradoura do que a maoísta: a revolução representada por Deng Xiaoping, partidário da abertura da China à economia de mercado, mesmo que seja inevitável "entrarem algumas moscas". Entraram, conseqüentemente, novas inquietações e a necessidade de reflexão e de colocar questões, pois quanto mais se sobe na escala económica, tanto mais as pessoas querem conhecer o mundo que as rodeia.

Deng abriu as portas à prosperidade económica, e desde então o regime tentaria convencer o povo de que o preço para comprar e conservar essa prosperidade era a lealdade ao governo. Mais: o próprio governo teria a preocupação de fomentar ambições e sonhos individuais, dentro de certos limites. A frase atribuída a Deng, de que "ser rico é glorioso" faria fortuna no sentido lato da palavra. Desde então, a liberdade individual seria entendida como caminho para alcançar a prosperidade.

Por outro lado, em política, a liberdade mais importante e mais valorizada pelo regime não seria a do indivíduo mas a da nação, o que equivale a fomentar o orgulho patriótico e nacionalista. Nada de novo, porque nisso também acreditava Sun Yat Sen, fundador da primeira república chinesa, que considerava dever o indivíduo estar sujeito à organização. Para esse político de inícios do século XX, o governo era o automóvel e os líderes seus condutores e mecânicos.

A "geração do eu" chinesa

Se algo caracteriza os cidadãos chineses que Osno apresenta no seu livro, é o facto de a maioria deles poder ser etiquetada como representantes da "geração do eu", pois transbordam de confiança e desejo de protagonismo, querendo marcar contrastes com o coletivismo utópico da revolução cultural. De facto, a nova China está cheia de exemplos de pessoas que se fizeram por si e se superaram social e economicamente, coisa mais própria da América capitalista do que de um país comunista. Ficam longe os tempos em que o maoísmo arremetia contra as empresas privadas e os prémios de mérito.

Quase todos aspiravam – e conseguiram-no – a uma casa sua e um automóvel seu, a mandar os filhos para a universidade ou a fazer viagens ao estrangeiro. O regime alimentou muitos egos, na esperança de que essa geração se não vá rebelar por medo de perder a sua prosperidade. Um certo egoísmo individualista não é muito mal visto socialmente, pois o que de facto se considera mau é a corrupção.

Há novos-ricos com refinados gostos ocidentais que estão convencidos de viver no melhor dos mundos e não questionam o poder estabelecido (entre outras coisas porque até têm o cartão do PCC) desde que o poder lhes permita admitir empresários. Já não leem os velhos manuais maoístas; americanizaram-se em hábitos de leitura e interessam-se mais pelas páginas de “O Grande Gatsby” ou “Orgulho e Preconceito”. E quem lê estes livros interessa-se, por exemplo, por aprender inglês. Para eles não há contradição entre ter carteiras e malas Louis Vuitton e aplaudir os *slogans* oficiais do marxismo-leninismo que, evidentemente, não é internacionalista como na primitiva URSS. É que os convenceram de que o verdadeiro patriotismo passa pelo amor ao sistema socialista.

Capitalismo de Estado

Lembra o autor do livro que o PCC tem, entre outros, o mérito de ter permitido, após os duros anos do final do maoísmo, a maior expansão do potencial humano da história mundial, se bem que ao mesmo tempo mostre receio de que tal seja uma ameaça à sua sobrevivência. Irão amiúde difundir a mensagem – que alguns intelectuais farão sua – de que a Índia e alguns países africanos têm por certo uma democracia, mas questionam a sua utilidade, se ela não lhes permitir alimentar o seu próprio povo.

Os comunistas conceberam reformas para consolidar o seu poder, e não para o perderem. Parecem estar certos de que a China será dentro de poucas décadas um país plenamente desenvolvido sem ter precisado de nenhuma reforma política substancial. Este, e não outro, é o “sonho chinês” defendido por Xi Jinping, que precisa ao mesmo tempo de alimentar o nacionalismo. Esse sonho fundamenta-se no facto de o caminho certo para a prosperidade da China ser o escolhido, o capitalismo de Estado, e não a política neoliberal de privatizações. Daí que, num mundo globalizado, as autoridades tenham construído na Internet uma grande muralha, capaz de bloquear conteúdos e diminuir os contactos nas redes sociais.

Além disto, o poder chinês parece ter estudado os conselhos dos peritos norte-americanos em comunicação e relações públicas do período entre as duas guerras mundiais, como Walter Lippmann e Harold Lasswell. Osnos reproduz algumas das suas frases lapidares. Do primeiro refere que “o poder da imagem mina-nos o pensamento crítico”, e do segundo sublinha que “se as massas se veem livres de correntes de

ferro, acabam por aceitar correntes de prata”. Isto explica que o autor chegue à conclusão de que na China não é fácil ser dissidente, desde que o governo melhorou a vida de milhões dos seus habitantes, embora estes careçam de liberdades políticas.

Evan Osnos já não acredita, como acreditava quando andava a estudar, que quanto mais rica e próspera for a China, mais perto estará da democracia. A prosperidade está neste momento em boa sintonia com o orgulho patriótico, o que explica que os turistas chineses estejam a perder a capacidade de assombro nas viagens que fazem ao estrangeiro. O que veem não lhes parece melhor do que aquilo que têm no seu país. Daí a tendência chinesa para absorver o que há de útil nas filosofias e religiões ocidentais, tal como fez o marxismo e o capitalismo. Pensa o autor que só as crenças não irão mudar uma China que presta culto à religião do nacionalismo.

Uma vida dupla

O balanço final do livro não nos deixa com demasiadas esperanças de mudança política na China. Mas dever-se-ia chamar a atenção para os perigos que sempre existem quando se leva uma vida dupla. Bem sabe Xi Jinping que a corrupção é uma das principais ameaças para o regime, e já desencadeou campanhas espetaculares para a erradicar, como a que atingiu Bo Xilai, um carismático líder provincial que foi condenado a prisão perpétua e expulso do PCC em 2013. No entanto, uma vida dupla marca o contraste entre o ideário do partido e o convite a acumular riquezas e triunfar em grande escala no mundo dos negócios. Em tais circunstâncias, a ideologia converte-se num *slogan* desprovido de conteúdo. Disto também sabem muito alguns partidos do Ocidente.

Apesar de constar do título do livro, a religião ocupa nele um lugar muito secundário. Para além de algumas referências pontuais ao budismo e ao confucionismo, que renasceram, e apesar das campanhas persecutórias da revolução cultural, faz-se menção do cristianismo em geral, mas não da religião católica em particular. No campo da liberdade individual, a religião seria uma das áreas que os chineses teriam recuperado, mas Osnos nunca se interroga em saber se ela pode ser na China fator de mudança ou instrumento para lutar contra a corrupção endémica.

A. R. R.

(com autorização de

www.aceprensa.pt)

Uma jornalista chinesa contra a poluição

Um em cada quatro cidadãos chineses viu o documentário “Under the Dome” (“Sob a Cúpula”). A sua autora, a jornalista Chai Jing, mostra com realismo o alcance da poluição no país, uma consequência não prevista do espetacular crescimento económico dos últimos anos.

Os dados, alarmantes, teriam provocado uma emergência sanitária em qualquer outra nação desenvolvida. Mas aos resignados chineses apenas lhes resta recorrer a máscaras, conter a respiração e aguentar, esperando não se perderem submergidos no *smog* que invade tantas cidades. Contudo, chega um momento em que alguém diz “Basta!”. Fê-lo Chai Jing. E ao pôr o dedo na ferida, causou uma inquietação que ninguém, nem o governo, pode ignorar. É próprio do bom jornalismo chamar a atenção sobre os problemas e estimular o correspondente debate para tentar resolvê-los.

Chai Jing analisou com rigor e moderação as causas da poluição e os seus efeitos na saúde pública. E, além do estritamente técnico, sentiu-se obrigada a abordar a dimensão ética e política do fenómeno: a ideologia, defendida pelo governo durante as últimas décadas, do crescimento económico a todo o custo e que causou uma autêntica catástrofe ambiental.

Censura e descrédito

A rápida difusão da contundente denúncia de Chai levantou a suspeita de que a autora contava com o apoio de círculos oficiais. Só assim se explicaria que o “Diário do Povo”, órgão do governo, difundisse o documentário através da sua página *web*. Mas essa suposta aprovação oficial, imediatamente deu aso à reação previsível de um regime tão pouco amigo da liberdade como o chinês: censura e descrédito.

O governo iniciou uma campanha na Internet para desacreditar a autora. Foi insinuado, por exemplo, que a CIA tinha financiado a produção do documentário como parte de uma estratégia do governo norte-americano de provocar uma revolução na China. Trata-se de um recurso clássico dos regimes despóticos: atribuir a responsabilidade dos males internos a maquinações de potências estrangeiras hostis. Desde Joseph Goebbels, sabemos que quanto mais grosseiras, mais eficazes podem ser as mentiras.

Mas ainda que o executivo chinês tenha desenvolvido um aparelho de controlo único no mundo (dispõe de uma política específica para a Internet e montou um sistema de denúncias recompensadas com dinheiro), nem sequer ele pode calar todas as vozes. Na rede multiplicam-se as demonstrações de apoio a Chai Jing e as críticas ao governo.

Congresso do Povo sob o *smog*

Casualmente, a difusão do documentário e o conseqüente alvoroço aconteceram antes do Congresso do Povo. No dia da sua abertura, 5 de março, brilhava em Pequim um Sol esplêndido, mas no dia seguinte a cidade recuperou a sua fisionomia habitual, isto é, alarme devido ao elevado *smog* (nesse dia, 300 microgramas de partículas em suspensão por metro cúbico, dez vezes o limite estabelecido pela OMS como perigoso para a saúde). Tudo convidava a assembleia a ocupar-se da problemática ambiental, mas o assunto não foi considerado digno de figurar na ordem do dia.

O novo ministro chinês do Meio Ambiente, Chen Jining, omitiu durante todo o Congresso qualquer alusão ao documentário, apesar de uma semana antes o ter elogiado publicamente. Também não o mencionou na sua conferência de imprensa – os jornalistas “sabiam” o que deviam perguntar. O ministro não disse nada de concreto em relação à luta contra o *smog* e perdeu-se em generalidades. Anunciou, isso sim, uma série de novas medidas para a proteção do meio ambiente, e a firme determinação de fazê-las respeitar sem contempções.

Apesar da cortina de silêncio oficial, o documentário de Chai Jing forçou uma significativa tomada de posição por parte do líder do Partido Comunista e homem forte da China. Com efeito, Xi Jinping anunciou no Congresso que a luta contra a poluição e a corrupção é o objetivo prioritário do governo, que atuará com mão de ferro contra todo o poluidor.

Jornalista e mãe preocupada

Chai Jing conseguiu mais do que podia imaginar quando se lançou sem apoio algum nesse projeto. Motivação não lhe faltava quase desde o berço, pois nasceu em 1976, em Linfen, localidade mineira muito poluída. Em 1995, começou a sua carreira jornalística na emissora de rádio de Hunan. Uma vez terminados os estudos de jornalismo, ingressou em 2001 na televisão estatal CCTV.

Dedicou-se basicamente ao jornalismo de investigação sobre temas ambientais e de saúde. Os trabalhos tiveram vários prémios e distinções. Em 2010, foi eleita uma das dez melhores apresentadoras da China. A sua autobiografia vendeu mais de um milhão de exemplares, total êxito editorial.

Quando tudo parecia sorrir-lhe, Chai Jing renunciou ao seu trabalho na televisão para centrar toda a atenção na sua filha, nascida com um tumor e com necessidade de cuidados especiais. Foi precisamente a possibilidade de que a poluição fosse a causa da sua doença, que motivou Chai Jing a realizar o documentário. Pôde financiar um ano de investigação com os lucros obtidos pela venda do seu livro. Mesmo sendo um projeto independente, a jornalista não tem estado só; tem

contado com a ajuda da produtora Fan Ming, perita também em temas ambientais.

O governo chinês conseguiu manter até agora um controlo férreo da opinião pública, incluindo as redes sociais. Nesse contexto tão irrespirável, é reconfortante ver casos como este: uma pessoa suficientemente motivada e decidida a poder questionar com êxito a política do Estado mais forte.

A combinação da mãe que luta pela saúde da sua filha e da jornalista de estirpe, deu como resultado um carácter humano capaz de pôr em apuros o próprio governo da China.

A. N.

(com autorização de

www.aceprensa.pt)